

## 1. Introdução \*

Esta dissertação é o resultado de um estudo e, porque não dizer, da vivência com a pintura de Jackson Pollock. Minha primeira experiência com a obra ocorreu de maneira dispersa; sem muito alarde, preferia então outras pinturas de comunicação mais imediata. O que já despertava a minha atenção, entretanto, eram aquelas linhas agitadas, enérgicas pulsando em todas as direções: um convite à vertigem dos sentidos. Hoje entendo como parte necessária de meu processo de aprendizado do universo convulsivo e delicado de Pollock aquela primeira recusa – reação compreensível ao imponderável desconhecido.

Desde meados dos anos 50, o pintor norte-americano Jackson Pollock era reconhecido como um dos maiores artistas do século XX. Não se tratava portanto, é claro, de duvidar da potência de seu trabalho. A sua obra já havia sido revirada ao avesso por críticos e historiadores eminentes. Aparentemente, pouco restava para acrescentarmos ao debate, mesmo partindo da atualidade da obra. Pareceu-me então mais sensato e produtivo, dentro das minhas forças, acompanhar o desenvolvimento de sua pintura *pari passu*, desde os primeiros trabalhos, bastante influenciados pelo regionalismo que vigorava nos Estados Unidos na década de 30, até as *Black Paintings*, último grito de originalidade do artista. Dessa maneira, desvelaríamos a formação artística de Pollock, muitas vezes silenciada, e ao mesmo tempo, construiríamos a base para um entendimento pessoal de sua poética.

Tomei como ponto de partida a minha intuição, sugerida pela movimentação presente em *Going West*, um dos primeiros trabalhos, ainda na década de 30, e na tela *One*, a grande obra-prima de Pollock realizada 15 anos depois, de que a obra do artista seria um *continuum* coerente em busca de vida e ritmo na pintura. A agitação das linhas em Pollock sempre me surpreendeu pela potência arrasadora de vitalidade e também, paradoxalmente, pelo encontro perfeito de uma harmonia silenciosa, delicada, quase meditativa.

---

\* *O Percurso de Dédalo*, subtítulo desta dissertação, evoca a história mitológica de Dédalo e seu labirinto, construído para aprisionar o minotauro.

Começo, assim, o primeiro capítulo partindo da idéia de movimento, fortemente presente nos primeiros trabalhos, marcados pelos anos de educação com Thomas Hart Benton e pela aproximação posterior com os muralistas mexicanos. Considero o período de aprendizado com Benton, normalmente desprestigiado pela fortuna crítica, essencial para a formação de Pollock. Acredito serem as idéias do método de Benton, fundado na estrutura rítmica, além do conhecimento dos mestres do renascimento, cruciais para a compreensão do percurso de Jackson Pollock. Igualmente relevantes foram os muralistas mexicanos, principalmente Orozco e Siqueiros. O primeiro graças à dramaticidade presente em suas pinturas; o segundo, pelo caráter experimental de sua pintura, notadamente no uso de materiais não-convencionais.

A seguir, percebi o abandono temporário da idéia de movimento, para dar lugar ao estudo profundo de arte moderna, nomeadamente a estrutura espacial das obras de Picasso e Miró. Acompanharemos, portanto, através da pintura, o despertar de questões essenciais para a sua construção poética. O próximo capítulo se fundamenta nessa tomada de consciência da arte moderna que acabará por preparar o grande salto de sua aventura pictórica pessoal. No terceiro capítulo, já estamos diante do Pollock maduro, encontrara seu lugar na redução perfeita de pigmento, gravidade, ritmo e corpo no espaço-tempo. Ao mesmo tempo, inventor e construtor genial, ele fará o que parecia talvez impossível: repotencializar a pintura moderna com a criação intuitiva e consciente do *all over* e das *drip paintings*.

No meu segundo embate com a pintura de Pollock, o desafio continuou, agora, evidentemente, sob o influxo de outros problemas. Adianto que ao realizar o percurso do artista não estamos em busca de um enigma a ser decifrado, antes, trata-se de uma imaginação poderosa, que não se contenta com apenas uma propriedade isolada das coisas. A imaginação em Pollock é, sobretudo, atingida por essa harmonia perfeita, por esse acordo inimitável, característico de todas as obras geniais.

No processo de aprendizado, acabei por perceber uma lógica inexorável na sequência das obras – um problema levava a outro. Quando o quadro era bem sucedido, avançava, suscitando novas questões. O meu trabalho consistiu muito em identificar, dentre a vasta produção de Pollock, a linha coerente de seu

pensamento plástico. Ao longo da pesquisa deparei-me, é lógico, com diversas fontes, às vezes discrepantes entre si. Tomei uma posição de independência, embora tenha aprendido e dialogado intensamente com o crítico norte-americano Clement Greenberg, talvez a maior autoridade no assunto.

Registro ainda que não contemplei, nesta dissertação, os trabalhos em papel de Pollock, assim como suas colagens. Dada a nossa intenção, não acredito que essa omissão interfira significativamente na compreensão da obra. Por fim, para evitar a quebra do ritmo do texto com informações factuais ou mesmo observações surgidas no momento de análise, e que interromperiam o fluxo do pensamento, optei por introduzir notas no pé da página. Algumas delas são longas e funcionam como uma extensão às idéias descritas no texto.

No mais, é claro que a tarefa de percorrer o caminho da poética de Pollock, mostrou-se muito mais árdua do que pensei originariamente, ao mesmo tempo, o desafio da tarefa se mostrou igualmente estimulante. Obedecendo ao fluxo das idéias que iam surgindo, deixei-me levar, consciente, pelas ricas associações que foram se formando ao longo do percurso. *I think it [abstract art] should be enjoyed just as music is enjoyed – after a while you may like it or you may not. But – it doesn't seem to be too serious. I like some flowers and others, other flowers I don't like. I think at least it gives – I think at least give it a chance.*<sup>1</sup> É com esse olhar e com esse espírito que gostaria que a dissertação fosse lida.

---

<sup>1</sup> Jackson Pollock em entrevista a William Wright, em 1950. In: KARMEL, Pepe (org.). *Jackson Pollock – Interviews, Articles, and Reviews*. New York: The Museum of Modern Art, 1999, p. 21.